

DANIEL VASCONCELOS VELOSO

**A PRÁTICA ESPORTIVA DOS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO  
DO UNICEUB: FORMAÇÃO E REPERCUSSÕES**

Dissertação apresentada como requisito parcial para o título de mestre no Programa de Mestrado *stricto sensu* em Psicologia do Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento.

Prof.<sup>a</sup> Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Ilma Passos Alencastro Veiga

Brasília/DF, Julho/2016

DANIEL VASCONCELOS VELOSO

## **A PRÁTICA ESPORTIVA DOS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO DO UNICEUB: FORMAÇÃO E REPERCUSSÕES**

Dissertação apresentada como requisito para o título de mestre no Programa de Mestrado *stricto sensu* em Psicologia do Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento.

Banca Examinadora:

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Ilma Passos Alencastro Veiga  
UniCEUB – DF

---

Prof. Dr. Alessandro de Oliveira Silva  
Membro interno  
UniCEUB – DF

---

Prof. Dr. Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende  
Membro externo  
UnB – DF

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Renata Innecco Bittencourt de Carvalho  
Membro suplente  
UniCEUB – DF

## **AGRADECIMENTOS**

Diretamente, ao Prof. Edno Sane Lucas, ao Prof. Dr. Marcelo Boia, ao Dr. Carlos Alberto, ao Dr. Carlos Augusto e à Prof. Ilma. Exatamente, nessa ordem, me apresentaram a Educação Física, o UniCEUB, a competência, o mestrado e carinho docente.

Eternamente, à minha Mãe, ao meu Pai, à minha Vó Maria do Carmo, ao Andrézão, ao Tio Neolúcio e à Tia Scheyla. Representam uma família grande, que sempre me guiou.

Indiretamente, aos que me apoiaram, possibilitando essa jornada. São tantos... Quem tem amigos, tem tudo: Tiba, Éder, Olher, Cunha, Mark, Davi, Danilo, Paty, Galego... Impossível citar todos. Impossível ser justo.

Paralelamente, a cada estudante que me fez aprender muito mais do que eu ensinei.

Incalculavelmente, ao Prof. Dr. Alessandro, ao Prof. Dr. Alexandre e à Prof. Dra. Renata.

Futuramente, ao Dante, que é o meu único desejo de porvir.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico todo este trabalho, inclusive como forma de agradecimento, lindamente, à Jéssica Mamede, a Jazz, que, sem ela, nada disso teria chegado perto de acontecer. Todas as discussões relacionadas com a Educação como problema e solução. Todo o sonho de construir uma sociedade melhor com o ensino. Tudo foi motivo na ação de buscar novos caminhos acadêmicos. E tenho certeza que não será o fim, porque agora quero História, Administração, Psicologia, Ciência Política e, quem sabe, um Doutorado.

*“Não parece ser ilícito a alguém falar de si mesmo. Há que evitar igualmente, como se tratasse de falso testemunho, o louvor ou a condenação de si próprio; pois que não há homem que possa julgar-se com verdade e justiça, de tal modo o amor-próprio engana. Não obstante, digo que por motivos indispensáveis é às vezes permitido falar de si. E duas, entre essas várias razões, são as mais claras: uma ocorre quando não é possível evitar grande infâmia ou perigo sem falar de si; a outra quando disso deriva grande utilidade para o ensinamento do próximo. O que me move é, por um lado, o receio da infâmia e, pelo outro, o desejo de ensinar.”*

Dante Alighieri

## **RESUMO**

A presente dissertação analisou a prática esportiva por estudantes do UniCEUB, como meio de alcance aos princípios institucionais e sua repercussão na formação ampla do estudante. Como objetivos específicos, este trabalho buscou compreender o contexto da Educação Superior que fez o UniCEUB alterar o objetivo da prática esportiva na instituição, verificar se os técnicos atuam pedagogicamente com os objetivos institucionais do esporte, identificar se os estudantes de graduação do UniCEUB conhecem e entendem os princípios institucionais norteadores da formação e discutir a percepção dos estudantes sobre a prática esportiva como integração entre a instituição e eles. Dessa forma, além de revisar a literatura para poder entender todo o contexto da educação superior Brasileira, entendendo seus objetivos e mudanças nos últimos 20 anos, também aplicou 2 questionários: um para técnicos, outro para estudantes. Foram entrevistados 5 técnicos e 15 estudantes. Foi apresentado que os princípios institucionais do UniCEUB são alcançados superficialmente por meio da prática esportiva, mesmo com ações intencionais dos técnicos. Ainda, levando em consideração a plena vida acadêmica do estudante, a prática esportiva tem repercutido de forma significativa e positiva nesta, contribuindo para a sua ampla formação e, mesmo que sem um domínio conceitual dos estudantes, alcançando a vivência e prática dos princípios institucionais.

**Palavras-Chaves:** Educação Superior, Esporte, Formação

## **ABSTRACT**

The present dissertation analyzed the sport practice by students from UniCEUB, as a way to reach institutional principles and it rebounds at student large formation. As specific goals, this work sought to understand the college education's context that made UniCEUB change the objective of sport practice in the institution, check if the coaches act pedagogically to catch up the sports objectives of the institutions, identify is graduate students from UniCEUB knows and understand the institutional principles that guides formation and discuss the student's perception about the sports practice as a form of integration between them and the institution. So, beyond the review of literature aiming understand all the context of Brazilian college education, understanding her objectives and changes in last 20 years, also apply 2 questionnaires: one for coaches, other for students. Were interviewed 5 coaches and 15 students. Was introduced that UniCEUB's institutional principles are reached superficially by sport practice, even with intentional coach's action. Still, taking consideration the full student's academic life, the sport practice is rebound significant and positive, contributing for his large formation and, even without a concept domain of the students, reaching the experience and the practice of the institution's principles.

**Keywords:** College Education, Sport, Formation

## LISTA DE SIGLAS

CAAE	- Código de Apresentação para Avaliação Ética
FESU/DF	- Federação do Esporte Universitário do Distrito Federal
IES	- Instituição de Ensino Superior
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira
MEC	- Ministério da Educação
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UniCEUB	- Centro Universitário de Brasília



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Evolução do número de instituições de educação superior, por categoria administrativa - Brasil 1991-2012 .....	22
Figura 2 – Grupo do entrevistado .....	36
Figura 3 – Gênero do entrevistado .....	36
Figura 4 – Semestre de matrícula do entrevistado .....	37
Figura 5 – Curso do entrevistado .....	38

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Evolução do número de instituições de educação superior, por categoria administrativa - Brasil 1991-2012 .....	21
Tabela 02 – Quadro de Participantes por Modalidades .....	34
Tabela 03 – Relação entre duração de curso, semestre inicial, medial e final .....	35

## SUMÁRIO

<b>1 Procurando rumos</b> .....	13
<b>2 Educação Superior: objetivos e formação</b> .....	16
2.1 – Princípios institucionais .....	17
2.2 – O posicionamento institucional ante um novo contexto .....	19
<b>3 O Núcleo de Esportes e o processo formativo</b> .....	26
<b>4 Trilhos e trilhas</b> .....	31
4.1 – A instituição .....	32
4.2 – Interlocutores .....	35
4.3 – Instrumentos .....	38
<b>5 A prática esportiva no discurso dos técnicos e estudantes</b> .....	40
5.1 – O posicionamento dos técnicos .....	40
5.1 – A voz dos estudantes .....	44
<b>6 Considerações Finais</b> .....	49
<b>Referências</b> .....	52
<b>Apêndice</b> .....	58
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	58

## 1 Procurando rumos

Sendo um dos objetivos da Educação Superior, conforme Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), a promoção do ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 1996) e considerando que o Centro Universitário de Brasília – UniCEUB é uma instituição privada, todas as ações para o alcance desses princípios devem atender a um orçamento advindo quase que totalmente da receita das mensalidades pagas por seus estudante. Essa característica reflete diretamente não apenas no planejamento das estratégias para o alcance dos objetivos do ensino superior, bem como na necessidade da geração uma relação duradoura entre instituição e estudante, visando transformá-lo de estudante a cidadão e profissional.

É natural que as estratégias escolhidas pela instituição repercutam na formação do estudante. E, dentro das diversas estratégias possíveis para a geração de um vínculo entre instituição e estudante, que extrapole ao esperado ensino e que contribua com a sua formação, o UniCEUB escolheu, também, o esporte para isso. Essa escolha começa em 2006, quando decide quebrar o paradigma do esporte universitário do Distrito Federal. Até então, o entendimento predominante de esporte universitário era a competição entre instituições, representadas, normalmente, por atletas bolsistas. Entretanto, após a constante retração do esporte universitário como mercado/negócio, o UniCEUB não vislumbrou mais a autossustentabilidade desse formato. O custo da manutenção de programas bolsas-atletas, ou similares, era muito alto para um retorno prometido (mídia e resultados) irrelevante e sem sustentação formal.

Essa nova estratégia, que utiliza a prática esportiva como forma de relacionamento entre instituição e estudante, escolhida pelo UniCEUB e implantada por mim em 2008. A implantação caracterizou-se por algumas ações: contratação de técnicos, os quais receberam orientação quanto à nova situação da prática esportiva; divulgação maciça para os estudantes da possibilidade de prática esportiva no *campus* da instituição; e organização das equipes representativas da instituição em competições universitárias advindas dessa prática esportiva.

Essa implantação levou o esporte universitário assumir um formato de atividade de extensão, com definição de modalidades estratégicas prioritárias, ofertadas sem custo para seus estudantes, e de outras modalidades, ofertadas com custo para seus estudantes e também à comunidade. Devido à alteração do foco das atividades, de competitivo para participativo, diversas mudanças ocorreram, dentre elas, a ausência de bolsa para a motivação da participação nos treinos. Especulou-se que este fator seria substituído por outros motivos: diversão, integração, busca de saúde etc. Basicamente, alvos generalistas que podem ser alcançados pela prática de esportes e que, dependendo do direcionamento das atividades, repercutem nos princípios institucionais do UniCEUB: **da liberdade e da tolerância, da ética e da solidariedade e da responsabilidade social**.

Esse direcionamento é resposta direta da forma de intervenção aplicada pelo professor responsável por cada modalidade. Com a pretensão de colocar esses conceitos em prática, claramente, a instituição define o objetivo do Núcleo de Esportes do UniCEUB como “promoção de práticas esportivas no *campus*, visando a potencialização da integração da vida acadêmica na instituição” (UNICEUB, 2014a, p. 1).

Tal decisão fez com que o UniCEUB direcionasse as suas ações esportivas para seu público interno, fazendo com que a prática de seus esportes fossem canalizadas para estudantes regulares da instituição, ou seja: matriculados e pagantes. Essa alteração foi gradual: em 2007, houve o direcionamento de 48 bolsas para atletas; em 2008, apenas 12; e, a partir de 2008, nenhuma oferta de bolsa atleta pelo Núcleo de Esportes.

Destas premissas, inquietei-me com essa alteração de visão da política institucional. A prática esportiva é uma forma para concretizar os princípios de uma instituição de ensino superior? Qual o contexto da Educação Superior que fez o UniCEUB alterar o objetivo da prática esportiva na instituição? Os professores da instituição atuam pedagogicamente de forma consonante com a política institucional do Esporte no UniCEUB? Os estudantes de graduação conhecem e entendem os princípios institucionais do UniCEUB? Os praticantes de esporte no UniCEUB percebem a prática esportiva como uma forma de relacionamento entre eles e a instituição? Com o declínio da oferta de bolsa para atletas, não houve uma organização

científica desse impacto antes da pesquisa aqui apresentada, sendo os dados somente vislumbrados sob o ponto de vista administrativo.

Com base neste preâmbulo, este trabalho tem como objetivo geral compreender a prática esportiva por estudantes de graduação como forma de alcance aos princípios institucionais do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB – e sua repercussão na formação ampla do estudante. Como objetivos específicos: **a)** analisar o contexto da Educação Superior que fez o UniCEUB alterar o objetivo da prática esportiva na instituição; **b)** verificar se os professores atuam pedagogicamente de forma consonante com os objetivos institucionais do esporte no UniCEUB; **c)** identificar se os estudantes de graduação do UniCEUB conhecem e entendem os princípios institucionais norteadores da formação e; **d)** discutir a percepção dos estudantes de graduação praticantes de esporte no UniCEUB sobre a prática esportiva como forma de integração entre eles a instituição.

## 2 Educação Superior: objetivos e formação

Antes de entender o que é a Educação Superior, destaco o conceito de que a escola, segundo Medeiros (2013, p. 75), “é considerada a segunda instância mais relevante na formação dos indivíduos, sendo sua importância só é superada pela própria família”. Essa ideia ilustra a representatividade social da instituição escola e é natural que essa representatividade se reflita na Educação Superior, gerando discussões que buscam coerência e sistematicidade, mas tantos e tão complexos elementos, com componentes sociais e públicos, que fazem o processo parecer ser irrealizável, se não permanentemente enfrentada e renovada (SOBRINHO, 1995 e ZABALZA, 2004).

Não é uma tarefa simples definir o que é Educação Superior. A LDB estipula diversas finalidades à Educação Superior, mas não a define de fato. Calderon (2004) aborda, brevemente, como sendo um espaço crítico de produção livre, desinteressado e autônomo de conhecimentos. Pode-se, também, pensar apenas no prisma conceitual da tríade ensino-pesquisa-extensão, mas acredito veementemente que essa definição é ainda incompleta perante à amplitude que a Educação Superior pode ter. Sendo assim, um outro prisma para essa concepção é desenvolvido por Carvalho (2005, p. 58), quando afirma:

a grande marca do ensino superior não está em fazer benemerências ou atividades assistenciais, mas construir práticas pedagógicas que levem o aluno em formação a empenhar-se pelo bem comum, diagnosticar problemas e elaborar estratégias de intervenção viáveis no cenário em que atua.

Essa conceituação desdobra-se para a representatividade social da Educação Superior, pois apesar da importância social do ambiente acadêmico, o que se prega no novo contexto das instituições, em termos de publicidade, quando se vende a Educação Superior apenas como uma forma de alcance do mercado de trabalho, restringido a um cenário específico e especializado de formação quase despreocupada ou automatizada, transformando, de forma equivocada, um bem cultural e amplo em um bem exclusivamente econômico (ZABALZA, 2004), indo contra a busca conceitual

da LDB, que, conforme seu art. 43, aborda a definição das finalidades do Ensino Superior:

estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua; incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive; promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação; suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração; estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade (BRASIL, 1996).

Resumindo todos esses posicionamentos, Catani e Silva Junior (2013, p. 173) afirmam que “a educação torna-se um espaço social estratégico para a produção de valor”. Quanto mais entender-se que o espaço social da educação é o local ideal para que ocorram transformações individuais que vão repercutir em revoluções sociais, e esse entender vai muito além de apenas estar escrito na lei, mas uma busca pela prática cotidiana constante, significativa e eficiente, com bases científicas, pedagógicas e metodológicas.

## 2.1 - Princípios institucionais

O documento *Proposta Pedagógica Institucional – Referencial norteador da formação de profissionais* define os princípios institucionais básicos do UniCEUB. Essa definição é oriunda do III Encontro da Alta Administração em Mestre D’Armas do UniCEUB, em 2006, com a participação dos gestores institucionais da Administração Superior da instituição, cujo objetivo foi expor a situação dos setores institucionais e, em conjunto, apresentar propostas para atualização e aperfeiçoamento dos processos e das relações humanas praticadas no âmbito das atividades desenvolvidas no UniCEUB, apresentando metas e diretrizes para a elaboração de um novo Plano de Desenvolvimento Institucional (UNICEUB, 2014b).



Quando Cortella (2015, p. 37) afirma que "o principal papel da escola é fazer com que a prática dos princípios não seja nem automática, nem robótica, nem alienada, nem fingida", demonstra a necessidade de conhecer e praticar princípios. Princípios estes que podem nortear as decisões de uma instituição escolar. E quando afirmo podem é porque mesmo a lei orientando que a escola seja um lugar espontâneo e natural de ensino e aprendizagem, algumas instituições escolhem a ação de repetição pasteurizada de conhecimento.

#### - Liberdade e Tolerância

Dentro dos objetivos do UniCEUB, este princípio visa dar ao estudante liberdade de opinião, crenças e valores, pelo reconhecimento do direito à existência e à expressão dos diferentes grupos sociais e multiculturais (UNICEUB, 2012).

Para entender mais, recorro a Freire (2015), que traz o estudo da liberdade em consonância com a educação, que se deve descartar uma possível noção formal de liberdade, a fim de concebê-la como modo de ser o destino do homem, com sentido apenas para os homens que a vivem. E a educação, ainda para o autor, é a singela forma da prática de liberdade, sendo a matriz para que atribui sentido para a ação.

Sobre a tolerância, para Antunes (2016) é o que permite ao diferente existir, concedendo-lhe o direito de circular pelos espaços outrora destinados apenas às classes dominantes, revelando seu conceito verdadeiro e seus limites ao colocar sob o mesmo denominador opressor e oprimido, obrigatoriamente considerando a pressuposição e formação social. McLain *apud* Ferreira *et al.* (2013) define, ainda, de maneira simples e precisa, que tolerância é aceitação relutante (ao contrário de intolerância, que trata de rejeição), percebendo e processando informações acerca de situações ou estímulos ambíguos, confrontado com um conjunto de pistas que lhe são desconhecidas, complexas ou incongruentes, devendo gerar uma nova resposta frente às realidades sociais.

#### - Ética e solidariedade

Este princípio é tratado, institucionalmente, com o objetivo de formar educando para o fortalecimento da cidadania e da construção da sociedade mais justa (UNICEUB, 2012).

Para Cortella (2015), ética é, no ocidente, de maneira geral (a ética não é igual em todos os lugares), como se decide a conduta. É o conjunto de valores e princípios que orientam a conduta em sociedade. Beresford *et al.* (2006) acreditam ser plausível considerar ética como o fio condutor da filosofia do esporte no Brasil e que ética, por sua vez, pode ser definida como a ciência da moral. É justamente através de algum princípio ético (como o princípio ético do dever, de Kant) que se pode avaliar se o agir ou o comportamento de algum indivíduo ou de um determinado grupo social deve ser considerado como moral.

A solidariedade é apresentada por Diniz (2007) como um princípio que acompanha a sociedade desde os primórdios, implicando numa co-responsabilidade, compreensão da transcendência social das ações humanas, vindo a ser do coexistir e do conviver comunitário, exortando atitudes de apoio e cuidados de uns com os outros, pedindo diálogo e tolerância

#### - Responsabilidade social

Quando se almeja a valorização do espírito de cooperação, da capacidade criativa e do senso empreendedor, voltada ao desenvolvimento socioeconômico, à proteção ao meio ambiente e à qualidade de vida (UNICEUB, 2012).

Para Calderon (2005), a responsabilidade social trata da convergência da instituição como um todo na promoção de princípios éticos que sustentam a nova compreensão do desenvolvimento humano.

### 2.2 – O posicionamento institucional ante um novo contexto

Apesar da proximidade temporal da LDB, recém “adulta”, a Educação Superior no Brasil não é um desafio novo, nem é recente a preocupação de sua contextualização. É antigo e continuará sendo um enorme desafio. O caminho desse desafio se desdobra em múltiplos desafios menores, todos de

inegável e incômoda relevância. Entre os esses desafios, está o de entender o seu crescimento quantitativo e, por consequência, o seu futuro influenciado por este conhecimento, levando em consideração sua importância social (SGUISSARDI, 2000).

Os princípios apresentados na LDB buscam, e resultaram, em um aumento ao acesso dos concluintes do Ensino Médio à Educação Superior. Se aumenta a procura, aumenta a necessidade de oferta. Há uma expansão da educação superior nos últimos 20 anos, concomitante com mudanças estruturais na cultura institucional universitária, na possibilidade de incentivo financeiros estatais aos estudantes, em um processo de mercantilização como parte do processo de mundialização da economia: às classes dominantes, uma educação voltada à pesquisa aplicada e ao saber científico; às classes subalternas, uma educação de cunho profissional, atendendo às demandas imediatas do mercado de trabalho (CATANI e SILVA JUNIOR, 2013).

Nos últimos 20 anos ocorre uma clara mercantilização da Educação Superior como parte da repercussão do processo de mundialização da economia, sendo evidenciada pelas constantes operações financeiras de compra ou incorporação de instituições de ensino superior (IES) de pequeno porte por IES de porte médio e destas por grandes redes, com apoio maciço de fundos de investimentos transnacionais (SILVA JUNIOR e SGUISSARDI *apud* CATANI e SILVA JUNIOR, 2013).

Com isso, os desafios e exigências mercadológicas, como captação dos estudantes concluintes do ensino médio, equilíbrio entre qualidade e custo, aumento da quantidade de autorização de abertura de novas instituições como política educacional do estado, foram impostas às IES em virtude das regras impostas pela LDB e desdobramentos destas, o que motivou políticas determinantes para a mercantilização e expansão do ensino superior no Brasil a partir de 1990, com instituições preocupadas com o seu *marketing*, sua promoção e seu posicionamento num mercado cada vez mais competitivo (PIMENTEL, 2011).

Assim sendo, manifesta-se um cenário com fortes indícios de influência de interesses comerciais. Esse contexto é reforçado pela expansão da quantidade de IES, inicialmente percebido após a aprovação da LDB, em

1996, e depois, significativamente constatada após o ano de 2002. A Tabela 01, a seguir, apresenta a variação, desde 1991, da quantidade de IES, públicas e privadas, autorizadas o funcionamento pelo Ministério da Educação (MEC).

**Tabela 01 – Evolução do número de instituições de educação superior, por categoria administrativa - Brasil 1991-2012**

Ano	Total	Δ %	Pública	Δ %	Privada	Δ %
1991	<b>893</b>	-	222	-	671	-
1992	<b>893</b>	0,0	227	2,3	666	-0,7
1993	<b>873</b>	-2,2	221	-2,6	652	-2,1
1994	<b>851</b>	-2,5	218	-1,4	633	-2,9
1995	<b>894</b>	5,1	210	-3,7	684	8,1
1996	<b>922</b>	3,1	211	0,5	711	3,9
1997	<b>900</b>	-2,4	211	0,0	689	-3,1
1998	<b>973</b>	8,1	209	-0,9	764	10,9
1999	<b>1.097</b>	12,7	192	-8,1	905	18,5
2000	<b>1.180</b>	7,6	176	-8,3	1.004	10,9
2001	<b>1.391</b>	17,9	183	4,0	1.208	20,3
2002	<b>1.637</b>	38,7	195	6,6	1.442	19,4
2003	<b>1.859</b>	33,6	207	6,2	1.652	14,6
2004	<b>2.013</b>	23,0	224	8,2	1.789	8,3
2005	<b>2.165</b>	16,5	231	3,1	1.934	8,1
2006	<b>2.270</b>	12,8	248	7,4	2.022	4,6
2007	<b>2.281</b>	5,4	249	0,4	2.032	0,5
2008	<b>2.252</b>	-0,8	236	-5,2	2.016	-0,8
2009	<b>2.314</b>	1,4	245	3,8	2.069	2,6
2010	<b>2.378</b>	5,6	278	13,5	2.100	1,5
2011	<b>2.365</b>	2,2	284	2,2	2.081	-0,9
2012	<b>2.416</b>	1,6	304	7,0	2.112	1,5

Fonte: BRASIL (2008) e BRASIL (2014)

Verifica-se que dos 22 anos apresentados, em 50% (11 anos) o crescimento do número de instituições privadas foi maior do que o

crescimento do número de instituições públicas. E em outros 2 anos (aproximadamente 10%), a retração do mercado de instituições particulares foi menor do que a retração da quantidade de instituições públicas.

Verificando o gráfico de expansão na Figura 1, abaixo, fica nítido o exponencial aumento das instituições particulares e o aritmético aumento das instituições públicas, desde 1991.

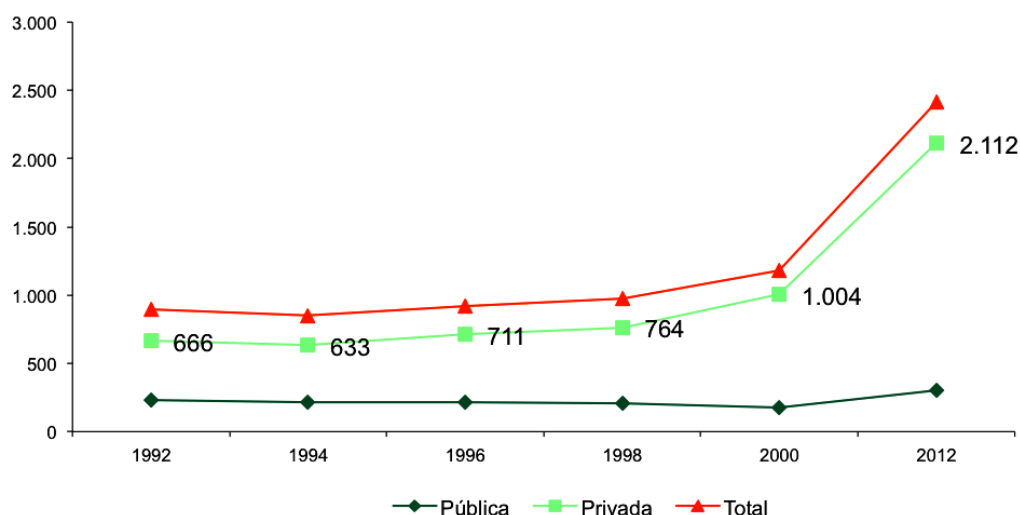


Figura 1 – Evolução do número de instituições de educação superior, por categoria administrativa – Brasil – 1992-2012

Fonte: BRASIL (2008) e BRASIL (2014)

Aprofundando a análise, enquanto o número de instituições de ensino superior pública cresceu 36,93% em 22 anos, a quantidade de instituições de ensino superior privada aumentou em 314,75% no mesmo período. Isso é, definitivamente, um novo cenário de mercado, principalmente a partir de 1998, mudando a concorrência deste, com alguns estudos denominando como uma mercantilização do Ensino Superior (CALDERON, 2004; CALDERON, 2005), fazendo com que seja necessário que instituições tracem novas estratégias para manter o estudante no seu quadro discente.

O UniCEUB, como instituição de Educação Superior, procura formar seus estudantes não só para a realização profissional, como também para o próprio desenvolvimento pessoal e para os direitos da cidadania, acatando o pregado pela LDB. Consequentemente, suas diretrizes devem direcionar esforços, ações, programas e projetos para estes objetivos. O momento da graduação é crucial para essa inserção do estudante não apenas ao mercado

e trabalho, é também tarefa institucional a contribuição para a formação do indivíduo cujo cerne de suas ações é a formação humana (UNICEUB, 2012), devendo ainda contemplar que a educação vive o drama de ter o papel de introduzir, no mundo dos homens em que vive, os recém-chegados (TUNES, 2013).

Entretanto, há de se considerar que para esses conceitos serem sustentados com qualidade em um novo cenário da educação superior, com o aumento da concorrência, é necessário ações de gestão que mantenham a capacidade financeira da instituição. Essas ações, no UniCEUB, repercutiram nesse reposicionamento do esporte universitário, que até então era uma ação abalizada por cessão de bolsas de estudo para atletas. Bolsas essas que não geravam receita para instituição, além de gerar despesas de competições e treinamento, indo de encontro à necessidade de sustentabilidade financeira, para um meio (esporte universitário competitivo) sem nenhuma repercussão significativa (OTTONI, 2013).

Essa ausência de repercussão é evidenciada quando avalia-se historicamente a instituição responsável pela organização de competições esportivas de âmbito da Educação Superior, a qual o UniCEUB está vinculada: a Federação do Esporte Universitário do Distrito Federal – FESU-DF. Enquanto em 2003 haviam 9 instituições de Educação Superior filiadas a FESU-DF, atualmente esse número é de apenas 4 (FESU, 2015). Além de ser um número absoluto baixo, relativamente é menor ainda, alcançando apenas 5,71% das 70 instituições de ensino superior de ensino presencial credenciadas pelo Ministério da Educação para funcionar no Distrito Federal (BRASIL, 2015).

Obviamente, o esporte universitário tem sido usado por instituições de ensino superior privadas como ferramenta de comunicação em estratégias de *marketing* face à competição por captação e retenção de estudantes, conforme Mandarino (2013), mas não mais exclusivamente no ambiente das competições universitárias, como era o predominante até o início dos anos 2000, implicando, conforme análise de Hillebrand (2007), em forte resistência de investimento na área esportiva e pouca atenção para a gama de possibilidades que podem ser extraídas com a gestão competente do Esporte Universitário. Destaca ainda que, mesmo em instituições que têm

participação constante em competições oficiais universitárias, não é padrão ter estratégias de *marketing* para a divulgação do nome da instituição na mídia.

Logo, há de se considerar, também, a historicidade do âmbito competitivo universitário, que incorreu em novos cenários de reposicionamento, sendo estes a utilização do esporte universitário com outras intenções ou a não mais a utilização da prática esportiva.

Diante desse cenário mercantil, influenciado pelo modelo neoliberal, onde o econômico dispensa a preocupação com questões sociais, internacionalmente divulgadas, tal processo resultando na ampliação das desigualdades, pois, a educação superior passa a ser considerada apenas como uma prestação de serviço a ser comercializado (LORENZET, 2011) e diante do cenário esportivo, com um enfraquecimento do esporte universitário competitivo, este desorganizado, não profissionalizado e sem recursos (STAREPRAVO *et al.*, 2010), qual o posicionamento do UniCEUB em relação à prática esportiva?

Levo em conta o alerta de Pimentel (2011, p. 67), que afirma:

As justificativas para a mercantilização da educação superior são inúmeras e estão relacionadas com os pressupostos liberais de que a competição gerada pelo mercado da educação superior leva a qualificação da mão-de-obra, como consequência uma maior produtividade e eficiência dos sistemas, e ainda possibilita uma melhoria contínua nos serviços educacionais ofertados pelas instituições. Ainda emergem questões relativas à responsabilidade dos Estados que cada vez mais transferem a responsabilidade da educação para a iniciativa privada, sendo assim alocam recursos destinados a educação em outros setores.

Após um período de transformações profundas da Educação Superior, em virtude do desenvolvimento da LDB, da mercantilização, da influência de grupo econômicos no mercado, do aumento da concorrência (de 1998 a 2005 são 8 (oito) anos seguidos de aumento da quantidade de instituições particulares de Educação Superior), às crises conceituais, sociais e econômicas da Educação Superior, o UniCEUB, e, 2006, sensibilizado também por seus anseios internos e pelas tendências de mudança no setor privado diante das ações reformistas do governo, escolhe, dentre as opções, utilizar o esporte como meio de relacionamento com o estudante e repercussão em sua formação como política institucional, pois como a prática esportiva gera custos, que estes gerem, por sua vez, retorno na formação do

estudante e no seu relacionamento com a instituição, e não apenas um custo vazio visando competições universitárias irrelevantes.

Essa escolha, que necessita uma nova organização da prática esportiva dentro do *campus*, coincide com a profissionalização da gestão das instituições de ensino superior privadas, como o UniCEUB, como tendência de transformação. Considerando o esporte parte da área acadêmica, este, naturalmente, enquadrar-se-á à política estratégica institucional. Tudo isso contribuindo para a produção de uma cultura organizacional, que não valoriza a repetição, mas o consenso coercitivo e a imersão crítica na sociedade civil e no mercado (SGUISSARDI e SILVA JR., 2001).

Daí, o UniCEUB direciona o Núcleo de Esportes para atender o estudante matriculado incentivando-o à prática esportiva regular, por meio de diversas modalidades, sem o incentivo de bolsa, ofertando infraestrutura técnica, material e pessoal. Essa ação se aproxima do caráter progressista da prática esportiva, na qual o ensino é tão significativo, que o indivíduo apropria-se dele criticamente, para poder exercer sua ação plenamente, podendo ser como cidadão (BRACHT, 1999), alcançando um dos objetivos da LDB (BRASIL, 1996).



### 3 O Núcleo de Esportes e o processo formativo

Após o posicionamento institucional, como organizar a prática esportiva em uma instituição de Educação Superior que, até então, tinha o esporte com outros objetivos? Há de se confirmar o entendimento que a prática esportiva pode alcançar diversos objetivos, de acordo com sua manifestação ou a intervenção do professor de Educação Física. É a vocação nata que a prática esportiva decorra em efeitos físicos, motores e fisiológicos. São os principais objetos de estudo da Educação Física. Por outro lado, o esporte tomado como linguagem, conhecimento universal, um patrimônio cultural humano que, quando transmitido para estudantes e por eles assimilados, estes podem compreender a realidade dentro de uma visão de totalidade, inserindo-os na realidade social, por meio de ações simbólicas, resignificando e revalorizando conteúdos (DAOLIO, 2007).

De maneira mais ampla, os objetivos do esporte podem estar em processos de funcionalização, sociabilização, ideologização, mercadorização e espetacularização (PIRES, 1998). Amplitude abalizada quando Bracht (1999, p. 77) afirma que a Educação Física tem, como ciência responsável pela intervenção em práticas esportivas, “o teorizar sobretudo de caráter pedagógico, isto é, voltado para a intervenção educativa sobre o corpo; é claro, sustentado fundamentalmente pela biologia”.

Entendendo que o esporte, em sua prática, é uma manifestação social e cultural (DAOLIO, 2007), o Núcleo de Esportes tem a possibilidade de utilizar todas essas manifestações para integrar uma série de ações de caráter esportivo, recreativo e cultural, dentre as quais se destacam a representação do UniCEUB em competições universitárias regionais e nacionais, a promoção de integração e saúde para funcionários, a organização de eventos esportivos institucionais e a coordenação do espaços esportivos do campus (UNICEUB, 2014a).

Guedes e Silverio Netto (2013), junto a atletas jovens brasileiros, indicaram que os motivos mais importantes para a prática de esportes foram “Competência Técnica” e “Aptidão Física”, enquanto os menos importantes foram “Diversão” e “Reconhecimento Social”, esse resultado vai ao encontro das intenções do UniCEUB. Já Murcia *et al* (2007), quando considerou a idade dos pesquisados, o grupo de maior idade (24-54 anos) mostrou maior

motivação relacionada ao desfrute do esporte e satisfação da necessidade de relação com os demais, o que pode corroborar com as aspirações da instituição.

Conceitualmente, o esporte é uma significativa forma de fortalecimento da educação do homem, e sua prática cotidiana repercute na formação plena e integral, sendo ferramenta de intervenção psicossocial, com papéis filosóficos e pedagógicos, aceito pela sociedade. Constatações direcionam para o entendimento do esporte como uma privilegiada forma de educação, considerando suas potencialidades para o desenvolvimento pessoal e social, propiciados pela reflexão sobre si próprio e outras pessoas, pelo estímulo à imaginação, o autoaperfeiçoamento e o aguçamento da sensibilidade, incidindo em várias alternativas de convivência social, colocando seus praticantes em contato com o outro, anseios e valores, por meio de troca de informações e experiências (TUBINO, 1996; RODRIGUES, 2008; SANCHES & RUBIO, 2008; LUCCHINI, 2010).

Korsakas e Rose Junior (2002) trazem a visão que o esporte é um elemento importante na educação do homem desde a idade antiga. Entretanto, tão importante quanto esse fator histórico, é a assertiva de que após anos de debates e esforços visando redimensionar as manifestações esportivas de acordo com contextos socioculturais, a discussão em torno do esporte e das suas possibilidades educativas continuam.

Nesse ponto, destaco a importância que o próprio termo esporte tem mais de uma interpretação. Tanto pode se considerar esporte e, por consequência sua prática, como disputa para o melhor vencer, bem como qualquer tipo de atividade corporal praticada com uma finalidade recreativa, por prazer. Além disso, se o Brasil trata formalmente como esporte-performance, esporte-participação e esporte-formação (ZILIO, 1994), é claro que o esporte tem diversas manifestações e uma delas é a educação.

Fica mais perceptível que o ambiente esportivo pode propiciar diversos benefícios para o desenvolvimento social e afetivo do participante, com o reforço de valores como cooperação, amizade, solidariedade, capacidade de compartilhar e resiliência (SANCHES e RUBIO, 2011).

Consequentemente, a aplicação de toda essa conceituação, desde o planejamento até a execução não é simples, haja vista que, sendo um

potente meio de educação, depende de boa implementação, pois a inadequada prática esportiva pode ser igualmente prejudicial ao jovem praticante (SÁENZ-LOPES *apud* SANCHES & RUBIO, 2011).

Bracht (1999) e Lucchini (2010), considerando o esporte como fator de educação, vão ainda identificar, na prática esportiva, elementos de ideologia burguesa, se desenvolvendo ideias ou valores que levam ao conformismo, como o respeito incondicional às regras e aos ideais do capitalismo. A parte da discussão ideológica burguesia x proletariado e capitalismo x socialismo, é óbvio que pode-se usar o esporte para alienar.

Quando amplia-se a visão, descobre-se o lado do esporte que este é um formador, por meio de uma abordagem educativa, repercutindo na formação integrado do ser humano (e, por consequência, do estudante), priorizando-se aspectos como cooperação, participação e solidariedade (CAPITANIO, 2003). O esporte não é apenas esporte, pois ele vem carregado de significados e sentidos, conferidos por um contexto histórico e social (RODRIGUES, 2008). E, a aplicação de seus princípios socioeducativos, visando, novamente, ao desenvolvimento integral dos praticantes (LUCCHINI, 2010) vão se encaixar ao que a LDB almeja da Educação Superior.

Para Kosarkas e Rose Junior (2002), a prática esportiva vem para satisfazer às necessidades humanas, assumindo vários significados de acordo com o seu contexto social e histórico. Ora, se um conceito aplicado pode gerar mais de um resultado e ter vários significados, o que gera essas diferenças?

Sanches e Rubio (2011, p. 829) dissertam sobre a “importância da atuação do professor ou treinador em consonância com a proposta educativa do esporte”. Nesse caso, a estratégia utilizada pelo professor é o que direciona o esporte como forma de alcance de um objetivo, conduzindo-se a prática esportiva de maneira adequada, beneficiando o praticante em diversos campos de sua vida. A mudança de intervenção, por exemplo, de comparação de desempenhos para a auto-avaliação de cada participante pode ser uma estratégia importante para alcance de objetivos como autoconhecimento e o desenvolvimento de auto-estima (KORSAKAS & ROSE JUNIOR, 2002).

Luchinni (2010) aborda que, para essa possibilidade de intervenção significativa do professor, existe a necessidade da direta relação entre educação e contexto sociocultural local, para desenvolvimento de um planejamento pedagógico, visando à reflexão do esporte pratica e sobre os conhecimentos que dele emergem. Dessa forma, se aprende com o esporte, não apenas o esporte. Korsakas e Rose (2002, p. 90) frisam: “o esporte para cumprir propósitos de uma educação emancipadora”.

Consequentemente, com essa responsabilidade, a intervenção do professor necessita estar alinhada com os objetivos visados pela instituição, considerando a educabilidade do sujeito praticante do esporte. Essa intervenção possui, pedagogicamente, diversas caracterizações e fundamentações, mas que, quando comprometidas com a transformação e a problematização, busca a formação de sujeitos conscientes, críticos, reflexivos e autônomos, inclusive contextualizando e valorizando um ambiente formativo, mediado e facilitado pelo professor (REVERDITO *et al*, 2013).

Como as experiências vividas em ambiente esportivo possibilitam o reconhecimento dos aspetos pedagógicos nas intervenções de um professor, Há a definição de o que fazer quanto à política institucional do esporte; com isso, se localiza a atuação pedagógica sob a abordagem e consciência dos procedimentos pedagógicos para estimular o alcance dos objetivos almejados (BALBINO, 2005).

Assim, sendo o professor claramente promotor ativo do destino que a prática esportiva pode ter, se torna necessária a verificação da atuação pedagógica do professor em consonância com os objetivos institucionais do esporte. Ainda mais porque o movimento deixa de ser mero instrumento, transformando-se em uma forma cultural de saber, transmitido pela escola, comunicando-se com o mundo (BRACHT, 1999).

Entendendo assim a prática esportiva, abordo, então, esta alcançando as suas intenções por simbologia. A técnica esportiva pode ser apenas uma repetição constantes de movimentos, com preocupações exclusivas com aspectos biomecânicos ou táticos, quando deve haver, no caso, uma consideração da dimensão da eficácia simbólica, permitindo compreender o esporte e sua prática como fenômeno sociocultural e não somente como um

conjunto de técnicas, táticas e regras específicas. Isso ocorre com um intento de não separar a técnica esportiva da dimensão dos significados culturais, dos rituais, das visões de mundo, das características de seus praticantes, das especificidades do contexto (DAOLIO e VELOZO, 2008).

Mais enfático ainda, Kunz (2000) aponta o esporte com 3 representações: prática, imagem midiática e simbólica, sendo essa última com a construção de uma simbologia da realidade esportiva a partir de conceitos teóricos especialmente desenvolvidos pelas ciências do esporte, fundamentando que um sujeito reage, na verdade, muito mais ao significado que tem para ele um estímulo e à maneira como é feita a abordagem sobre o contexto externo (objetos), do que o estímulo pode representar em geral na sua manifestação externa.

Para Almeida (2011), o aspecto simbólico, baseado nos conceitos de Habermas (filósofo e sociólogo alemão, nascido em 1929), o cotidiano é o local de desenvolvimento da sociedade e da sua produção simbólica, que representa estruturas normativas, subjetivas, objetivas e associativas fundamentais para a consolidação da vida em sociedade. Essa produção simbólica se reflete no intento do Núcleo de Esporte como polo de promoção de uma prática esportiva participativa, formadora e significativa.

Dessa forma, a prática pedagógica há de se preocupar com aspectos que se relacionam com a educação numa situação reforçadora da posição da escola como promotora dos processos educativos formais interagindo com um cenário não-formal (prática esportiva), configurando uma emancipação na vida dos estudantes e da sociedade (MADUREIRA, 2013).

#### 4 Trilhos e Trilhas

Apesar da aparente justificativa deste projeto em convicções pessoais, já desestruturada anteriormente, na introdução, há de se fortalecer o conceito geral da construção desta pesquisa, que não se origina de crenças arbitrárias, composta de acidentes pessoais ou históricos (KUNH, 2006). O preceito do uso de práticas esportivas para alcance de objetivos está bem embasado na Educação Física, promovendo a reflexão sobre cada um dos já citados recortes específicos do esporte (funcionalização, sociabilização, ideologização, mercadorização e espetacularização), com processos já interpenetrados (PIRES, 1998).

Além do mais, já que Demo (2000) afirma que somente é científico o que for discutível, permitindo o questionamento como método, abre-se a possibilidade de sua utilização, não apenas como desconfiança esporádica ou banal, fazendo com que a pesquisa possa basear-se em questões para buscar o entendimento e extrapolação do objeto.

Rodrigues (2012) enfatiza que a pesquisa deve buscar algo que compreenda o método como uma criação do pesquisador para lidar com o seu problema de estudo, em contraponto ao pensamento axiomático na pesquisa, que não permite que o pesquisador entre em confronto e diálogo com o pesquisando. Algo que compreenda que a teoria não está acabado, mas em constante tensão e desenvolvimento. Assim, aproveitando-se do papel do pesquisador como um intérprete e construtor da realidade estudada, realize esta pesquisa com o método da epistemologia qualitativa, a partir dos indicadores surgidos na relação recursiva entre pesquisador-instrumentos-pesquisandos (GONZALEZ REY, 2005).

Para Bock (2004), abordar a subjetividade humana é abordar objetividade onde vivem os homens. A contígua conexão de “mundo interno” e “mundo externo” exige a compreensão de um para o entendimento do outro, pois “são dois aspectos de um mesmo movimento, de um processo no qual o homem atua e constrói/modifica o mundo e este, por sua vez, propicia os elementos para a constituição psicológica do homem.”

A relação subjetividade e objetividade, valorizando e legitimando a singularidade do sujeito pesquisado, proporciona a interpretação e

compreensão da realidade pesquisada. Entendendo que o conhecimento é produção, respeita o empírico como momento inseparável do processo de construção teórica e processa novas ideias de acordo com o momento trazido à tona pela própria pesquisa, esta como um instrumento dinâmico e construtora de conhecimento (GONZALEZ REY, 2005).

Oliveira (2012, p. 6) assertiva que “a pesquisa qualitativa está estreitamente vinculada ao teórico e ao epistemológico”, o que faz com que a pesquisa que toma esse caminho escolhe uma postura epistemológica, teórica e ideológica, que potencializa o papel do diálogo como um processo de desenvolvimento de bem-estar emocional dos sujeitos que participam de uma pesquisa (entrevistador e entrevistado), e que pondera que a subjetividade é um contínuo entre o social e o individual, permitindo instrumentos não-padronizados para que o objeto de estudo dê indícios de sua expressão, mesmo que em um momento específico. Esses indícios se desvelam na relação entre pesquisador e sujeito da pesquisa, aportados pela teorização envolvida no cenário.

Para realização do estudo, defini o uso de livros e artigos relacionados com o tema, buscando em indexadores as palavras-chave esporte, formação e educação; além disso, a bibliografia resultante do aprofundamento do estudo. Definiu-se, ainda, como fonte documental, o site oficial do UniCEUB ([www.uniceub.br](http://www.uniceub.br)) e sua ramificação da área esportiva ([www.uniceub.br/esportes](http://www.uniceub.br/esportes)).

A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética do UniCEUB, conforme aplicação na Plataforma Brasil, com o CAAE 51622115.5.0000.0023.

#### 4.1 – A Instituição

O Centro Universitário de Brasília – UniCEUB é uma instituição privada de ensino superior, fundado em 1968, com o nome Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB). Oferece 32 cursos nas áreas de ciências jurídicas, sociais, exatas, da saúde, da educação e tecnologia, além dos cursos de pós-graduação *lato* e *stricto sensu*. Atualmente, são 3 (três) *campi*, sendo 1 (um) em Brasília e 2 (dois) em Taguatinga, atendendo aproximadamente 20 (vinte) mil estudantes.

Estruturalmente, o UniCEUB comporta em seu complexo esportivo os seguintes espaços:

- 1 Ginásio Poliesportivo
- 2 Quadras cobertas
- 1 Piscina Semi-Olímpica
- 1 Campo de Futebol
- 1 Tanque de Saltos
- 1 Sala de Tatame

O Núcleo de Esportes conta com a seguinte estrutura de pessoal (UNICEUB, 2014a):

- 1 Supervisor: responsável pela organização estratégica e tática do Núcleo, além de responder formalmente à Diretoria Acadêmica, setor responsável junto à reitoria pelas ações do setor.
- 12 Técnicos: responsáveis pelas aulas, treinos e ações operacionais das modalidades ofertadas: futebol, futsal, voleibol, basquetebol, handebol, corrida, handebol, submission, natação, jiu-jitsu, ai-ki-do e nin-jutsu.
- 3 Estagiários: estudantes do curso de Educação Física do UniCEUB, a partir do 3º Semestre, responsáveis por apoio aos Técnicos.
- 1 Monitor: estudante do curso de Educação Física do UniCEUB, a partir do 3º Semestre, responsável pela assessoria acadêmica junto ao supervisor do Núcleo.
- 3 Atendentes: funcionários responsáveis pelo atendimento administrativo ao estudantes, controle de material e espaços esportivos, apoio aos professores e demais serviços inerentes ao setor.
- 2 Salva-vidas: responsáveis por evitar afogamentos e realizar o controle de acesso à piscina.
- 1 Piscineiro: responsável pela manutenção e assepsia da piscina.



As modalidades tinham, em 2016/1, a seguinte quantidade de participantes, conforme Tabela 02, a seguir:

**Tabela 02 – Quadro de Participantes por Modalidades**

<b>Modalidade</b>	<b>Participantes</b>
Futebol masculino	45
Futsal masculino	12
Futsal feminino	14
Handebol masculino	12
Handebol feminino	9
Voleibol feminino	12
Basquete Masculino	13
Basquete Feminino	16
Submission	8
Jiu-jitsu	21
Ai-ki-do	8
Nin Jutsu	15
Clube da Corrida	45
Natação	115
<b>TOTAL</b>	<b>345</b>

Fonte: UNICEUB, 2016

#### 4.2 – Interlocutores

Acata-se que os estudantes são o objetivo fim da prática esportiva na relação com a instituição e o “professor a variável mais importante e fundamental para se efetivar o processo de formação” (SCHLINDWEIN, 2010, p. 44), define-se esse 2 (dois) universos: estudantes e técnicos.

Haja vista a necessidade de pesquisar nestes dois universos, a população foi delimitada com a quantidade de técnicos do Núcleo de Esportes e de estudantes participantes das modalidades esportivas do UniCEUB no 1º semestre de 2016; desse modo, a amostra foi composta por todos os participantes que atendem aos critérios de inclusão.

Para participar da pesquisa, os interlocutores deveriam atender aos seguintes critérios:

- 1) GRUPO 1: ser técnico do Núcleo de Esportes do UniCEUB, regularmente contratado, homem ou mulher, de qualquer modalidade esportiva.
- 2) GRUPO 2: ser estudante do UniCEUB, regularmente matriculado, homem ou mulher, de qualquer curso de graduação, de qualquer idade, que esteja no início, meio ou final do curso, de acordo com a Tabela 03, a seguir, conforme a duração do curso:

**Tabela 03 – Relação entre duração de curso, semestre inicial, intermédio e final**

Duração do Curso	Início	Meio	Final
3 anos	1º Semestre	3º Semestre	6º Semestre
4 anos		4º Semestre	8º Semestre
5 anos		5º Semestre	10º Semestre
6 anos		6º Semestre	12º Semestre

O intuito desse fracionamento foi poder comparar as respostas em estudantes com diferentes tempos de vida acadêmica.

Como critério de exclusão, se considerou os estudantes ausentes nos dias da coleta e as modalidades não-realizadas nos dias da coleta.

Foram entrevistados um total de 20 pessoas, em virtude dos critérios de inclusão e, ainda, considerando a disponibilidade e a frequência dos entrevistados. As entrevistas foram realizadas individualmente, em sala anexa ao ginásio do Bloco 10 do *campus* de Brasília do UniCEUB. Após a verificação dos critérios de inclusão, o entrevistado era informado sobre o

objetivo da pesquisa, do caráter voluntário e anônimo da sua participação. Todos os relatos destacados foram identificados por um pseudônimo, visando “a preservação do anonimato dos interlocutores no relatório final da pesquisa” (VEIGA, 1989, p. 33). Todos assinaram ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (ver apêndice A).

A entrevista era iniciada e o entrevistado tinha o tempo livre para responder a cada pergunta. Dos 20 entrevistados, 5 pertencem ao Grupo 1 e 15 ao Grupo 2, como demonstrado na Figura 2, a seguir:

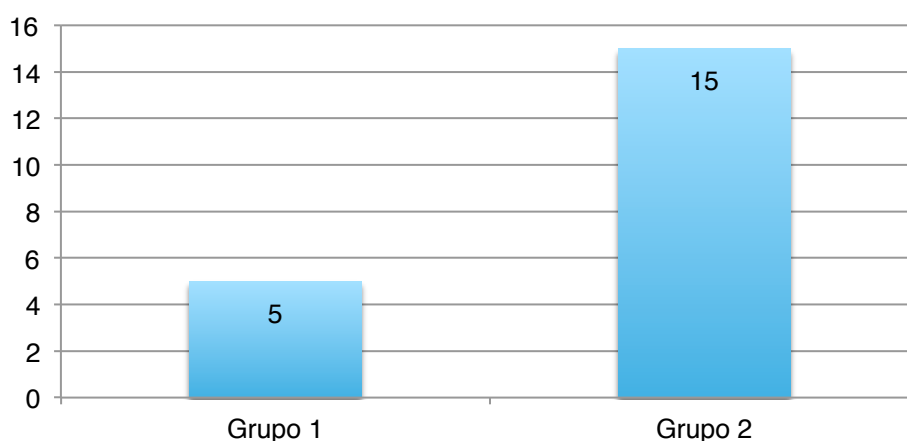


Figura 2 – Grupo do entrevistado

Na amostra apresentada na Figura 2, o Grupo 1 representa a 100% da população e a amostra do Grupo 2 representa a 4,34% da população.

Em relação ao semestre em que o estudante estava matriculado, os entrevistados dividiram-se da seguinte forma, abaixo na Figura 3:

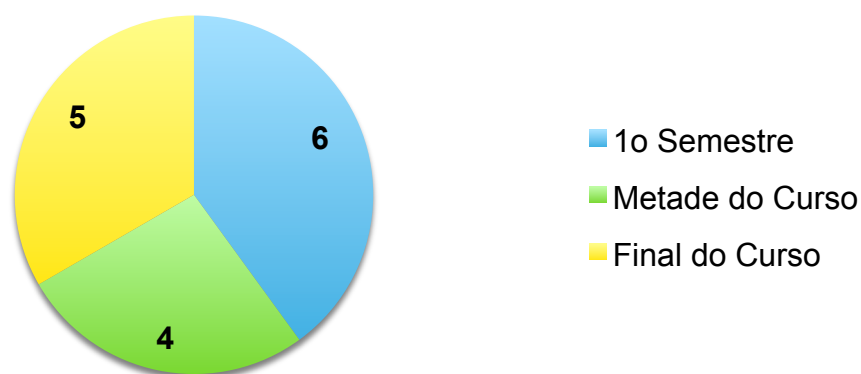


Figura 3 – Semestre de matrícula do entrevistado

No que tange aos cursos em que os estudantes estavam matriculados, a amostra mostrou-se da seguinte maneira, na Figura 4:

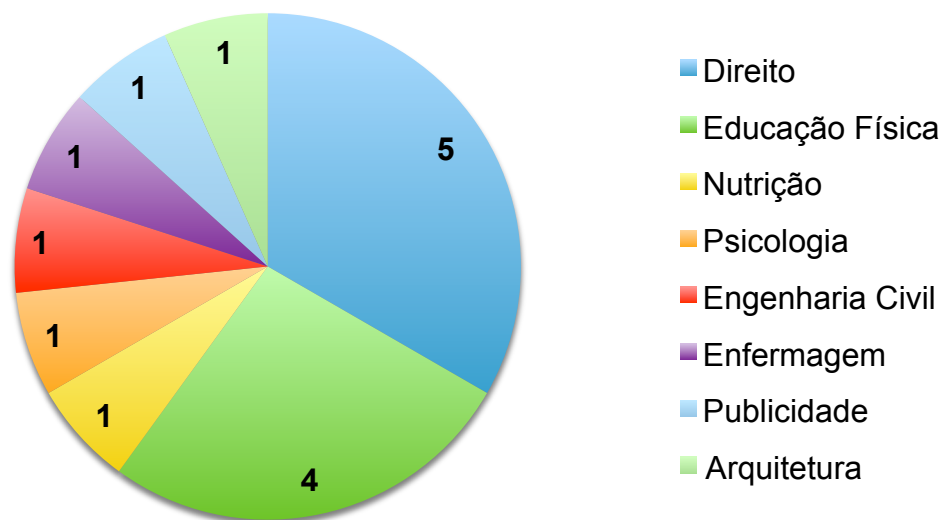


Figura 4 – Curso do entrevistado

Estudantes de 8 (oito) dos 32 (trinta e dois) cursos de nível superior ofertados pela instituição foram entrevistados, o equivalente a 25% dos cursos. O curso com o maior número de entrevistas foi Direito, com 5 (cinco) estudantes. O curso de Educação Física teve 4 (quatro) entrevistados. Os outros 6 (seis) cursos (Nutrição, Psicologia, Engenharia Civil, Enfermagem, Publicidade e Arquitetura) tiveram 1 (um) estudante entrevistado.

Quanto à modalidade praticada, verificamos na Figura 5 como entrevistados apresentaram-se:

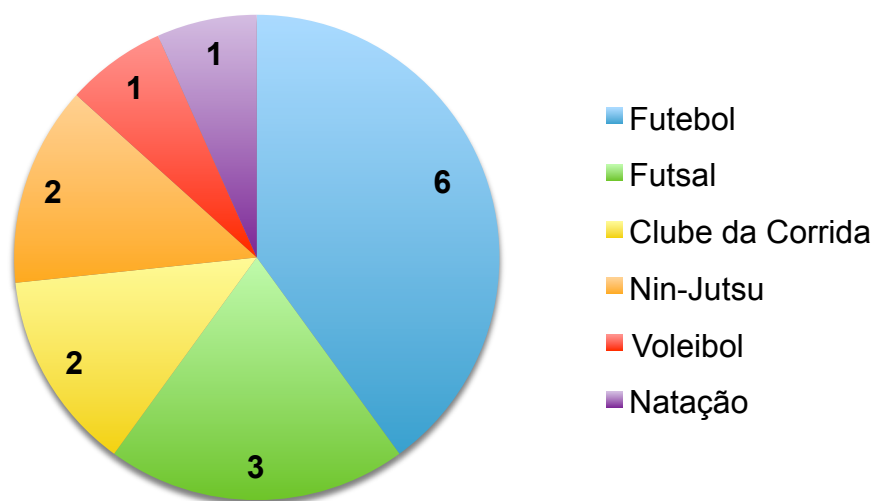


Figura 5 – Modalidade praticada pelo entrevistado

Dos 15 estudantes entrevistados, 6 (seis) eram praticantes de Futebol, 4 (quatro) de Futsal, 2 (dois) de Clube da Corrida, 2 (dois) de Nin-Jutsu, 1 (um) de Voleibol e 1 (um) de Natação.

#### 4.3 – Instrumentos

Para averiguação da repercussão da prática esportiva na formação do estudante, foram realizadas entrevistas qualitativas, com 2 (dois) roteiros. Para o GRUPO 1, as questões verificaram a atuação pedagógica dos professores/técnicos em relação à política institucional. Já para o GRUPO 2, as questões buscaram identificar não apenas o conhecimento e entendimento dos estudantes quanto aos princípios institucionais, mas também a percepção deles quanto à relação da prática esportiva como forma de alcance dos princípios. Esses questionários buscam complementar toda a ação da pesquisa, o entendimento do contexto de prática esportiva no UniCEUB, apresentado nos capítulos 2 e 3. A entrevista semi-estruturada, neste caso, é uma ferramenta de interação, não-limitadora e visando alcançar que o entrevistado discorra sobre o tema proposto com base nas informações

que ele detém, sendo a real razão da própria entrevista (LÜDKE e ANDRÉ, 2013).

Mesmo incorrendo na dificuldade de que a entrevista é uma forma aberta, que demanda não apenas a análise das respostas, mas também a gestos, entonações e sinais não-verbais (LÜDKE e ANDRÉ, 2013), é uma ferramenta adequada para que realmente possa aprofundar-se no tema e buscar um entendimento de todo o cenário estudado. Complementa-se à ação prática da entrevista, conforme Alves e Silva (1992), a necessidade de atitudes de aproximação, respeito e empatia do pesquisador, com o objetivo enfatizar uma análise qualitativa com uma apreensão abrangente do fenômeno estudado. Assim, a pesquisa para os técnicos do Núcleo de Esportes foi composta com as seguintes questões:

#### Roteiro do GRUPO 1

- 1a) Você conhece a política institucional do Esporte do UniCEUB?
- 1b) Você foi/é orientado em relação à sua intervenção pedagógica nas práticas esportivas?
- 1c) Você participa/participou de ações de qualificação da sua intervenção pedagógica? Se sim, quais?
- 1d) Sua intervenção pedagógica é influenciada pela política institucional do esporte? Como?

A pesquisa para os estudantes foi composta pelas perguntas a seguir:

#### Roteiro do GRUPO 2

- 2a) A prática esportiva no UniCEUB influencia em sua vida acadêmica (sala de aula, relação com professores, outros estudantes)? Por quê?
- 2b) Você conhece os princípios institucionais do UniCEUB?
- 2c) Qual o seu entendimento por liberdade e tolerância?
- 2d) Qual o seu entendimento por ética e solidariedade?
- 2e) Qual o seu entendimento por responsabilidade social?
- 2f) A prática esportiva é um fator importante para sua vida como estudante do UniCEUB?
- 2g) Considerando que os princípios institucionais do UniCEUB são **Liberdade e Tolerância, Ética e Solidariedade e Responsabilidade Social**, a prática esportiva pode influenciar no alcance desses princípios? Por quê?

## 5 A prática esportiva no discurso dos técnicos e estudantes

A análise das respostas aos questionários, objetivo deste capítulo, considerou os aspectos relacionais dos estudantes e dos técnicos com o Núcleo de Esportes, comparando com seus objetivos e contextos, entendendo a percepção dos entrevistados quanto ao ambiente que permeiam este trabalho.

### 5.1 – O posicionamento dos técnicos

Os 5 entrevistados do Grupo 1 são todos técnicos do Núcleo de Esportes do UniCEUB, regularmente contratados. Foram entrevistados os técnicos responsáveis das seguintes modalidades: futsal, basquetebol, futebol, voleibol e clube da corrida.

Em resposta à entrevista, foi claro o entendimento de todos referente ao conhecimento acerca da política institucional do Esporte do UniCEUB. O posicionamento diretivo dos técnicos pode ser observado nos seguintes depoimentos:

*“Temos que atender a todos os estudantes que buscarem o esporte. Fortalecer a participação.” (Telmo)*

*“...Preparo as aulas para atender o máximo possível de alunos, independente do quanto ele sabe do esporte.”  
(Tatiana)*

Apresentaram também que o conhecimento era entendido pelo posicionamento institucional e da coordenação do Núcleo de Esportes de não ter programa bolsa-atleta ou similar, em virtude da leitura de toda a situação do esporte universitário, corroborada constantemente pela quantidade de participantes em competições universitárias (FESU, 2015; STAREPRAVO *et al.*, 2010), desde a implantação da nova política, em 2006. Entendem, haja vista que na ação prática, as competições universitárias organizadas pela FESU-DF não veem contando, nos últimos anos, com mais de 3 participantes em cada modalidade, o que não fortalece possibilidade do uso do esporte universitário como forma de *marketing* ou outro objetivo. Aponto os seguintes destaques dos técnicos:

*“...é difícil fazer algo diferente no aspecto competitivo jogando somente contra Upis ou UnB, dessa forma, acho acertado focar no relacionamento com o aluno.” (Tadeu)*

*“Como não há bolsas, acredito que a intenção seja fazer o que eu faço: atender toda a comunidade.” (Telmo)*

Outra abordagem foi a relação entre a política institucional e o atendimento ao estudante, visto na seguinte forma de definição do entrevistado:

*“...alunos que participam sem nunca ter feito o esporte anteriormente.” (Tatiana)*

Essa possibilidade, claramente uma repercussão da política institucional implantada, obriga ao técnico ter uma atuação pedagógica que respeite a heterogeneidade da modalidade, com estudantes que procuram a atividade por já serem praticantes, portanto acostumados com características técnicas e físicas da modalidade, e outros estudantes iniciantes. Nesse caso, o próprio técnico destacou a relação direta dessa situação com o princípio da tolerância, em virtude da conjuntura dos participantes mais hábeis partilharem das mesmas aulas com os alunos iniciantes.

Essa situação é um exemplo claro da possibilidade do esporte como um meio de aguçamento da sensibilidade dos praticantes, em virtude da convivência social. Não foi possível perceber, nas entrevistas, a utilização de outras situações, dentro do cotidiano das aulas, onde se aproveitou essas possibilidades, potencializando concepções do esporte formador, já destacada de autores como Tubino (1996), Rodrigues (2008), Sanches e Rubio (2008) e Zilio (1994).

Quando indagados sobre a orientação em relação à intervenção pedagógica nas práticas esportivas, ocorreram duas linhas de respostas entre os técnicos. Inicialmente, enfatizo o lado de pensamento, com seguintes respostas:

*“... acho que toda vez que nos reunimos nos inícios dos semestre, estamos recebendo orientação.” (Teodoro)*

*“Creio que todo o semestre, desde quando fui contratado, ocorre o reforço toda vez que tem reunião.” (Tadeu)*



Dos 5 técnicos, Tadeu, Tiago, Teodoro e Tatiana citaram estas reuniões pedagógicas semestrais do setor como ambiente para orientação de sua intervenção pedagógica. Ao perceber a repetição inesperada da resposta quanto às reuniões pedagógicas, questionei especificamente qual o aspecto de orientação delas. Houve uma descrição das reuniões e confirmação da contínua política institucional no decorrer dos anos, expressada no seguinte depoimento:

*“...além de questões administrativas, como cronograma de competições ou confirmações de horários, discuto com outros professores sobre a ação de atendimento a todos os estudantes interessados nas práticas esportivas, até porque como há continuidade na organização do Núcleo, acabamos trocando vivências.” (Tadeu)*

Ressalto que as reuniões pedagógicas são realizadas com todos os funcionários do Núcleo de Esportes que se relacionam diretamente com os estudantes: supervisor, técnicos contratados, técnicos autônomos, estagiários, monitor e atendentes. São realizadas, normalmente, no início de cada semestre letivo.

Por outro lado, apenas o técnico Telmo não reconheceu nenhum tipo de orientação, exceto aquela ofertada para quando de sua contratação ou quando algum momento de reclamação do estudante quanto à prática da modalidade. Nas palavras dele:

*“Acredito que não tem uma orientação aqui em virtude da autonomia dada a mim.”*

Quando questionados em relação ao aspecto da qualificação da intervenção pedagógica, também o entrevistado Telmo respondeu que não participa de nenhum tipo de qualificação de sua intervenção pedagógica. Já os técnicos Tiago, Teodoro e Tatiana, alegaram a realização de outros cursos como forma de qualificação de sua intervenção pedagógica. O técnico Teodoro destacou a realização de pós-graduação como uma busca de se qualificar. O técnico Tadeu considerou não apenas as reuniões pedagógicas como momentos de qualificação, mas também a vivência cotidiana com os estudantes.

Ao analisar as respostas às questões quanto à orientação e à qualificação da intervenção pedagógica, cabe uma incursão interpretativa sobre tais respostas, no sentido de descrever alguns traços que, em meu modo de entender, possibilitam a constituição de um contexto apto a um melhor aproveitamento de oportunidades para melhor aproveitamento das intervenções pedagógicas.

Um primeiro aspecto é quanto à orientação para a intervenção pedagógicas. A indicação dos técnicos de que não ocorre um acompanhamento cotidiano na prática esportiva é um indício de fraqueza da situação. Não foi relatado nenhuma forma de acompanhamento cotidiano do alcance aos princípios institucionais, haja vista que as reuniões pedagógicas semestrais não são os únicos meios para a orientação de uma intervenção pedagógica plena. Essas reuniões pedagógicas são realizadas ao planejamento das ações pelo período, não apenas nos aspectos práticos (horários, materiais, cronograma etc), mas também nos aspectos de reforçamento da intervenção pedagógica. Entretanto, se apenas 1 (um) técnico percebe-as como um momento de orientação e, por conseguinte, qualificação, há um ponto de incoerência no intento da aplicação da política institucional.

Além disso, há um entendimento entre os técnicos que a intervenção pedagógica relacionada com os princípios institucionais está ligada à vivência da prática esportiva e suas ocorrências em si mesmo, sem uma potencialização das possibilidades de extrapolações da sociedade, percebida nos seguintes relatos:

*“...eu uso o que ocorre nos treinos. Quando tem competições, dá pra buscar trabalhar com solidariedade e tolerância” (Tadeu)*

*“...com o desenrolar das atividades, eu intervenho com influência das questões de ética ou solidariedade.” (Tiago)*

Quando pensamos em uma Educação Física progressista (BRACHT, 1999), a prática esportiva deve formar plenamente, com veemência no social. Sendo assim, a intervenção pedagógica deveria também ser influenciada pela sociedade que a cerca.

Se a intervenção pedagógica dos técnicos não reforça os pressupostos da política institucional que o cerca, essa intervenção deve ser direcionada para a identificação de elementos que revelem um indício de uma proposta reflexiva e crítica e, por conseguinte, para uma prática esportiva comprometida com a formação dos estudantes.

Autores como Daolio (2007), Sanches e Rubio (2011) e Lucchini (2010) têm apontado propostas no campo da prática esportiva como meio de vínculo com a formação, propondo articulações entre intervenções, para que sejam promovidas ações voltadas para a compreensão das raízes socioculturais da prática esportiva que cerca as relações de aprendizagem para vivência conflitos internos e a solução para os problemas, assegurando a qualificação plena dos estudantes no sentido de melhorar a vida acadêmica.

Sob esse ponto de vista, a intervenção pedagógica dos técnicos do Núcleo de Esporte deve ser aquela na qual os elementos da prática esportiva, tais como a convivência, o jogo, a saúde, a disciplina, por exemplo, ganham sua explicação a partir das transformações sociais e culturais que embasam os princípios institucionais do UniCEUB.

A última questão, que inferia sobre a influência da política institucional do esporte na intervenção pedagógica foi respondida, de forma unânime, positivamente, com um adendo. O entrevistado Tadeu respondeu que os objetivos buscados pelo Núcleo de Esportes não apenas influenciam em sua intervenção pedagógica, eles também reforçam seu entendimento do que é uma intervenção pedagógica do esporte que visa à formação plena de um estudante. É um pensamento, que apesar de único, dá a dimensão da prática esportiva, implicando a compreensão do processo de formação pelo esporte em suas múltiplas determinações e a busca de caminhos alternativos para efetivação de uma intervenção pedagógica mais consequente.

## 5.2 – A voz dos estudantes

A análise das entrevistas foi positiva nas respostas quanto à influência da prática esportiva no UniCEUB na vida acadêmica dos estudantes. Na pergunta, vários estudantes destacam situações de amizade, coletividade,

liderança, adaptação ao próprio ambiente acadêmico e relacionamento com outros cursos. Mais diretamente, detalho os seguintes depoimentos:

*“... aqui mal comecei a treinar, já fiz novos amigos, sempre participando dos treinos e de algumas competições.” (Eliza)*

*“... no clube da corrida, como treina todo mundo junto, conheço gente de um monte de curso diferente do meu.” (Érica)*

*“... como há um ano sou capitão do time em competições, vejo a importância da liderança no futebol e tento levar isso pra sala de aula.” (Eduardo)*

*“Vim de outra cidade, estou usando o esporte para me integrar, ter mais amigos, me ambientar... daí acaba ficando mais fácil meu dia-a-dia aqui na faculdade” (Ézio)*

De acordo com Zabalza (2004) e a LDB (BRASIL, 1996), no que tange ao desenvolvimento da sociedade como propósito da Educação Superior, as respostas apresentadas permeiam preeminentemente conceitos do envolvimento dos estudantes em grupos, que pode potencializar os aspectos sociais, se refletindo diretamente na vida acadêmica dos estudantes.

Quando perguntados sobre o conhecimento dos princípios institucionais do UniCEUB, ocorreu uma hegemonia de resposta dos estudantes. Todos responderam “*não*”, o que surpreendeu-me muito. Nenhum dos estudantes sabia quais os princípios apresentados no projeto pedagógico do UniCEUB ou, sequer, que a instituição tinha princípios conceituais que direcionam o processo formativo.

Abalizada pela metodologia sugerida por Alves e Silva (1992), a qual busca uma análise qualitativa sequenciada e sistematizada, havia uma intuição, em virtude do contexto, de que pelo menos os 5 estudantes (33,3%) que cursavam o último semestre do seu curso teriam um domínio dos conceitos dos princípios institucionais, considerando o tempo de vivência na Educação Superior (pelo menos 4 anos). Os estudantes Eduardo, Éder, Edno, Edmara e Esdras, mesmo cumprindo o último semestre de seus respectivos cursos, não demonstraram nenhum indício de saber dos princípios institucionais.

Especificamente estes 5 estudantes apresentaram igual dificuldade quando comparado aos outros 10 estudantes, que estavam no início ou no meio do curso, em definir qualquer um dos princípios institucionais, seja liberdade, tolerância, ética, solidariedade ou responsabilidade social. Assim, observei nas questões sobre o entendimento pelos 5 princípios institucionais que as respostas permeavam, independente do semestre, o senso-comum sobre os princípios. Nenhum estudante respondeu com confiança ou, quiçá, com um respaldo acadêmico ou empírico às questões norteadoras aos princípios da instituição. Ocorreu, inclusive, em alguns entrevistados, uma dificuldade em expressar o senso-comum.

Samulski e Noce (2000) realizaram um grande estudo entre professores, alunos e funcionários da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que visava verificar os fatores que motivam a prática regular de atividade física. Concluíram que prazer, melhoria de saúde e o desejo de se manter em forma foram, em geral, o mais importante. Apesar da pesquisa dos autores ser predominantemente determinada como quantitativa, a cito em virtude da possibilidade comparar com as respostas dos estudantes à questão da importância da prática esportiva para sua vida no UniCEUB, pois quando questionados quanto à importância da prática esportiva, responderam, repetidamente, da relevância para a melhora da saúde e para um contraponto ao momento dos estudos, onde poderiam “desestressar”, relaxar e utilizar o tempo para refletir. Evidências dessa análise estão em diversos depoimentos, que destaco os seguintes:

*“... aqui, além de me desestressar, sinto-me muito melhor para poder estudar. Me sinto muito mal mesmo, tanto no corpo quanto na mente, quando eu falto.” (Edmara)*

*“... quando venho nadar, consigo me desligar de tudo que está em volta. Depois fica muito mais fácil me concentrar no que tenho que fazer... Sim, principalmente nos assuntos da faculdade.” (Edno)*

*“... apesar de treinar só duas vezes por semana, sei que é isso que, hoje, me dá energia para poder fazer melhor meus estudos.” (Eliane)*

Nesta questão, há ainda os seguintes posicionamentos, não recorrentes e mais singulares.

*“... a prática esportiva não é importante para minha vida acadêmica. É legal, sei que me faz bem, mas só consigo ver isso no pessoal mesmo” (Emival)*

*“... ah... é importante, mas não fundamental. Gosto da prática esportiva, mas que se ocorresse algo e eu fosse impedido de continuar sua atividade, não teria problema e acho que não atrapalharia minha vida acadêmica” (Eurides)*

Particularmente, acredito que essas respostas mostram a pluralidade de objetivos que a prática esportiva pode ter (BRACHT, 1999; PIRES, 1998), potencializando o aspecto de que a política institucional do esporte é contemplada no âmbito de atender a todos os alunos interessados e intencionar integração.

A última pergunta teve uma direção de respostas para a confirmação superficial da relação entre a prática esportiva e a possibilidade de alcance dos princípios institucionais por meio desta. Superficial não só pelas respostas às questões anteriores, mas também pela simplicidade das respostas dos estudantes, como nos exemplos a seguir:

*“Claro... com certeza o esporte ajuda a alcançar, principalmente quando participamos em competições... Ah, porque em competições temos que ser solidários e tolerantes.” (Enzo)*

*“Sim. Em todos os treinos há a integração entre todos os participante, há respeito às diferenças.” (Emília)*

*“A partir do momento que trabalhamos em equipe, dá pra viver esses princípios.” (Eva)*

Acredito que as respostas refletiram à relação apontada no questionamento, e não a um pré-entendimento da relação da prática esportiva com os princípios institucionais. Quando alertados, pela pergunta da relação do esporte, conseguiram então relacioná-lo com situações de liberdade, tolerância, ética, solidariedade e responsabilidade social.

Nas poucas respostas que não foram superficiais ou que não se prenderam ao senso-comum, destaco os seguintes posicionamentos dos estudantes:

*“Como a minha prática (Nin-jitsu, no caso) demanda de uma disciplina muito grande, acredito que é natural que esta se relacione naturalmente com aspectos de ética e tolerância. O que me faz ser melhor nos estudos, em casa” (Eurides)*

*“... o esporte é reflexo da sociedade, então normal que tenha todas essas características... sim, solidariedade, ética, responsabilidade social. Aqui no esporte do CEUB a gente acaba reproduzindo o que ocorre na nossa vida. E, por consequência, o contrário também” (Emival)*

Há indícios que a prática esportiva está, em aspectos da vivência de situações específicas, permitindo contato com situações que envolvem liberdade, tolerância, ética, solidariedade ou responsabilidade social, em razão de todo o simbolismo imediato já identificado ao esporte (DAOLIO e VELOZO, 2008; ALMEIDA, 2011). Obviamente, conforme já apontado, a dificuldade de concepção dos princípios institucionais, junto com uma intervenção pedagógica limitada dos técnicos, resulta numa resistência da possibilidade de extrapolação de momentos particulares para conceitos sociais e amplos, buscando desenvolver o entendimento do estudante ao meio em que vive, atuando ativamente em suas interações sociais, sejam elas acadêmica, familiares, profissionais ou interpessoais.

## 6 Considerações Finais

O UniCEUB, após avaliação dos aspectos circunstanciais do esporte universitário, atuou modificando a política da prática esportiva na instituição a partir de 2006, considerando não apenas alteração do mercado da educação superior, com o aumento significativo da concorrência, mas também o novo contexto do esporte competitivo universitário, com a alteração da importância das competições do segmento, suscitando a prática esportiva no *campus* como um meio de relacionamento com o estudante, buscando também contribuir com a sua formação.

No contexto de tomada de decisão do UniCEUB, a diferença entre o direcionamento do uso do esporte como uma ferramenta de *marketing* no nível de competições profissionais e no nível de competições universitárias. Algumas instituições ainda utilizam programas de cessão de bolsas de estudo para atletas, o que é diferente de contratar por patrocínio um atleta profissional para ser uma forma de divulgação de uma instituição, no entanto há a ausência de dados quantitativos e significativos no grau do esporte universitário que permitam justificar o uso do esporte universitário competitivo como ferramenta de *marketing*. Ainda, independente do caminho escolhido, seja do esporte na universidade ou da universidade, há de se fortalecer o seu valor frente ao que pode ser feito para bem da educação superior (MANDARINO *et al.*, 2013).

Sendo própria ação de estudo da prática esportiva do estudante da educação superior limitada (HILLEBRAND, 2007), é fundamental que esse cenário altere-se, para que qualquer processo decisório seja embasado não somente em vontades ou achismos, mas em um eficiente posicionamento mercadológico, científico e cultural do esporte.

Dentro da intrincada relação entre estudantes, professores e IES, padrões pré-estabelecidos, como o esporte apenas como técnica ou com viés competitivo, necessitam ser rompidos para que a valorização da prática esportiva possa acarretar na relação com estudantes satisfeitos, com contribuição para sua formação plena como cidadãos e reafirmando as linhas de gestão da administração da instituição, baseadas na qualidade, na inovação, no empreendedorismo e no relacionamento com a sociedade.



Por conseguinte, um novo posicionamento requer uma nova ação de quem iria intervir na prática esportiva. Os técnicos têm o conhecimento dos objetivos institucionais do esporte no UniCEUB e atuam com essa preocupação, porém sem o aproveitamento pleno do que a prática esportiva pode ofertar.

Somando-se a isso as características almejadas de intervenção pedagógica da prática esportiva da instituição, acredito que os técnicos deveriam ser contratados, formalmente, como professores, conforme a clara indicação do Núcleo de Esportes como agente ativo na formação do estudante do UniCEUB, ministrando atividades com características de aula, não de treino. Assim sendo, sugiro outros estudos aprofundando o tema.

Avançando na perspectiva dos estudantes, ao contrário do que se esperava, os entrevistados desconhecem os princípios institucionais do UniCEUB (**liberdade e da tolerância, da ética e da solidariedade e da responsabilidade social**) como tal. Em todas as análises possíveis (curso, semestre ou modalidade praticada), os estudantes valorizam a prática esportiva, percebem a influência em sua vida acadêmica e a tratam positivamente, conseguem relacionar os princípios institucionais com a prática esportiva, porém há uma dificuldade expressiva em defini-los sem recorrer ao senso-comum.

Com isso, percebo que há dois olhares importantes: a) o desconhecimento dos princípios institucionais; b) a dificuldade em defini-los. Na primeira situação, creio em duas hipóteses para desconhecimento dos princípios institucionais: ausência de divulgação institucional efetiva e/ou carência na abordagem dos princípios dentro de sala de aula. Na segunda situação, da dificuldade de conceituar os princípios, creio na possibilidade de natural imaturidade dos estudantes, em virtude de pouca vivência orientada com os princípios. Além disso, é necessário ampliar canais de diálogo entre a instituição e os estudantes. Também sugiro, nesses aspectos, novas pesquisas para elucidação desses pontos.

A constante abordagem dos princípios institucionais é o caminho para o envolvimento dos estudantes, aumentando as possibilidades de vivências, assimilação e desenvolvimento. Assim, concentrar esforços e otimizar a utilização dos recursos é um primeiro passo para o alcance dos objetivos

pretendidos; por fim, na situação onde os estudantes não são capazes de conceituação dos princípios institucionais, o Núcleo de Esporte, por meio da prática esportiva, deve assumir a responsabilidade além de oportunizar vivências dos princípios, mas também em aprendê-los como conceitos.

Nos últimos decênios, tem ocorrido em nossa sociedade um intenso processo de associação entre o esporte e a formação. Não se trata apenas do aporte de um crescente volume de prática esportiva, tal como em academias, clubes, parque e outras atividades similares. Além da transformação da prática esportiva em ferramenta de alcance de qualidade de vida, visualizado como campo de saúde, a prática esportiva, pensada em sentido irrestrito, tem invadido a vida do estudante, proporcionando-lhe novas pautas de conduta, nas quais o coletivo tem um lugar central, na medida em que está associado a valores emergentes tais como respeito, disciplina, o convívio e, fundamentalmente, um certo tipo de competição formadora.

Diante desse cenário, acredito que foi apresentado que os princípios institucionais do UniCEUB não são alcançados completamente por meio da prática esportiva, mesmo com ações intencionais dos técnicos. Ainda, levando em consideração a plena vida acadêmica do estudante, a prática esportiva tem repercutido de forma positiva nesta, contribuindo para a sua formação ampla e, mesmo que sem um domínio conceitual dos estudantes, alcançando a vivência e prática dos princípios institucionais.

## Referências

- ALMEIDA, Marco Bettine. O esporte como matriz da sociabilidade espontânea: um olhar pelo referencial habermasiano. *Revista da ALESDE (Asociación latinoamericana de estudios socioculturales del deporte)*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 100-110, setembro, 2011
- ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. *Paideia – FFCLRP – USP*, Ribeirão Preto, 2, Fev/Jul, 1992.
- ANTUNES, Deborah Christina. Tolerância e democracia hoje: o discurso de deputados em defesa da posição conservadora. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 3-13, Abril, 2016. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010271822016000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822016000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 1º de Junho de 2016.
- BALBINO, Hermes Ferreira. *Pedagogia do treinamento: método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos*. Tese de Doutorado – Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas – Campinas, SP: [s.n], 2005.
- BERESFORD, Heron; CODEA, André; DACOSTA, Lamartine; REPPOLD, Alberto. Filosofia do esporte, ética e Educação Física, fair play. In: *Atlas do Esporte no Brasil*. Lamartine DaCosta (organizador). Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. A perspectiva histórica da subjetividade: uma exigência para la Psicologia atual. *Revista Electrónica Internacional de la Unión Latinoamericana de Entidades de Psicología*. n. 1, Fevereiro, 2004.
- BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Caderno Cedes*, ano XIX, n. 48, Agosto/1999.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação nacional*. Diário Oficial – S. 1, Brasília/DF, 23 dez. 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação e da Cultura. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Evolução da Educação Superior - Graduação*. 2008. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/censo-da-educacao-superior/evolucao-1980-a-2007>>.
- BRASIL, Ministério da Educação e da Cultura. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Resumo Técnico - Censo da Educação Superior de 2012*. Julho 2014. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/download/superior/centso/2012/resumo\\_tecnico\\_censo\\_educacao\\_superior\\_2012.pdf](http://download.inep.gov.br/download/superior/centso/2012/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2012.pdf)>.

BRASIL, Ministério da Educação. *Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados*. Disponível em <http://emec.mec.gov.br/>. 2015.

CALDERÓN, Adolfo Ignacio. Repensando o papel da universidade. *Revista de Administração de Empresas*. V. 44 – n. 2 - abril/junho. São Paulo: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2004.

CALDERÓN, Adolfo Ignacio. Responsabilidade Social: Desafios à gestão universitária. In: Responsabilidade social das instituições de Ensino Superior. *Estudos - Revista da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior*. Ano 23 – n. 34 – Abril. Brasília, 2005.

CAPITANIO, Ana Maria. Educação através da prática esportiva: missão impossível? *Revista Digital*. Ano 8 – n. 58 – Março; Buenos Aires, 2003.

CARVALHO, Gláucia Melasso Garcia de. Responsabilidade social no ensino superior privado: alguns elementos para reflexão. In: Responsabilidade social das instituições de Ensino Superior. *Estudos - Revista da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior*. Ano 23 – n. 34 – Abril. Brasília, 2005.

CATANI, Afrânio Mendes; SILVA JUNIOR, João dos Reis. A Educação Superior Pública Brasileira nas duas últimas décadas - Expansão e mercantilização internacionalizada. In: *Educação Superior - Cenários, impasses e propostas*. José Vieira de Sousa (organizador). - 1. ed. - Campinas, SP : Autores Associados, 2013.

CORTELLA, Mário Sérgio. *Educação, convivência e ética: audácia e esperança!*. São Paulo: Cortez, 2015.

DAOLIO, Jocimar; VELOZO, Emerson Luís. A técnica esportiva como construção cultural: implicações para a pedagogia do esporte. *Pensar a Prática*, [S.l.], v. 11, n. 1, p. 9-16, mar. 2008. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/1794/3338>>. Acesso em 1º de junho de 2016.

DAOLIO, Jocimar. *Educação Física e o Conceito de Cultura – Polêmicas do nosso tempo*. 2a. Ed., Campinas – SP: Autores Associados, 2007.

DEMO, Pedro. *Metodologia do Conhecimento Científico*. São Paulo: Atlas, 2000.

DINIZ, Marcio Augusto de Vasconcelos. Estado social e princípio da solidariedade. *Revista Nomos - Edição Comemorativa dos 30 anos do Mestrado em Direito / UFC*. V. 1, n. 1, 2007

FERREIRA, Manuel Portugal; SERRA, Fernando A. Ribeiro; PINTO, Cláudia Frias. Ambiguidade e consequências futuras dos comportamentos éticos: estudo intercultural. *Rev. adm. empres.*, São Paulo, v. 53, n. 2, p. 169-182, Abril, 2013.

FESU, Federação do Esporte Universitário do Distrito Federal. *Balancete anual 2014*. Brasília, 2015. Disponível em [www.fesudf.com.br](http://www.fesudf.com.br). Acesso em 7 de setembro de 2015.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 1ª Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GONZALEZ REY, Fernando Luiz. *Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Caminhos e desafios*. São Paulo, Thomson, 2005.

GUEDES, Dartagnan Pinto; SILVERIO NETTO, José Evaristo. Motivos para a prática de esportes em atletas jovens e fatores associados. *Revista de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá*, Maringá, v. 24, n. 1, Março; 2013.

HILLEBRAND, Marinez Domeneghini. *Dando voz às mulheres participantes do esporte universitário: contradições e desafios para a prática esportiva*. Tese de Doutorado. Faculdade de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

KORSAKAS, Paula e ROSE JUNIOR, Dante de; Os encontros e desencontros entre esporte e educação: uma discussão filosófico-pedagógica. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*. V. 1, N. 1. Páginas 83-93, São Paulo, 2002.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 9ª. Ed.; Ed. Perspectiva. São Paulo, 2006.

KUNZ, Elenor. Esporte: uma abordagem com fenomenologia. *Movimento – Especial Temas Polêmicos*. V. 1, n. 12, 2000.

LORENZET, Deloíze. *A expansão da Educação Superior Brasileira: o tensionamento entre o público e o privado*. Dissertação de mestrado. Universidade de Passo Fundo/RS; Passo Fundo, 2011.

LUCCHINI, Marlon Luis. A educação pelo esporte como meio de intervenção socioambiental. *Revista Roteiro*. V. 35, n. 1, p. 157-174; Joaçaba, 2010.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Pesquisa em educação – Abordagens Qualitativas*. 2ª. Ed.; EPU; 2013.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral. *Psicologia Escolar na contemporaneidade: construindo “pontes” entre a pesquisa e a intervenção*. In: *O fio tenso que une a psicologia à educação* – Brasília: UniCEUB, 2013.

MANDARINO, João Domingos B; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da; CAMPIASSÚ, José Maurício, RIBEIRO, Carlos Henrique de Vasconcellos. Esporte e marketing nas IES: o caso dos gestores participantes das olimpíadas universitárias. *SALUSVITA*, Bauru, v. 32, n. 1, p. 63-85, 2013. Disponível em: [http://www.usc.br/biblioteca/salusvita/salusvita\\_v32\\_n1\\_2013\\_art\\_05.pdf](http://www.usc.br/biblioteca/salusvita/salusvita_v32_n1_2013_art_05.pdf). Acesso em 1º de Junho de 2016.

MEDEIROS, Carlos Augusto. Contingências sociais na escola: treinando o comportamento de mentir. In: *O fio tenso que une a psicologia à educação* – Brasília: UniCEUB, 2013.

MURCIA, Juan Antonio Moreno; BLANCO, María Lopez de San Román; GALINDO, Celestina Martinez; VILLODRE, Néster Alonso; COLL, David González-Cutre. Efeitos do gênero, idade e frequência de prática na motivação e o desfrute do exercício físico. *Jornal Fitness & Performance*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3; 2007.

OLIVEIRA, Wilton. *Subjetividade sob uma perspectiva histórico-cultural*. ITECH. Instituto de Terapia e Estudo do Comportamento Humano. 2012. Disponível em: <[http://itechcampinas.com.br/itech\\_textos/Subjetividade%20sob%20uma%20perspectiva%20histórico-cultural\\_ITECH.pdf](http://itechcampinas.com.br/itech_textos/Subjetividade%20sob%20uma%20perspectiva%20histórico-cultural_ITECH.pdf)>

OTTONI, Daniel. *No Brasil, esporte universitário não é levado a sério*. O Tempo. Belo Horizonte, 19 de Agosto de 2013. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/superfc/no-brasil-esporte-universitário-não-é-levado-a-sério-1.699283>>. Acesso em 12 de Abril de 2015.

PIMENTEL, Paulo Roberto Lopes. *Cultura de mercado no ensino superior*. Dissertação de mestrado. Universidade de Passo Fundo/RS, Passo Fundo; 2011.

PIRES, Giovani de Lorenzi. Breve Introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. *Revista da Educação Física*. Universidade Estadual de Maringá. Ano 9, V. 1. Maringá, 1998.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José & PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte: conceito contemporâneo. In: *Pedagogia do Esportes – Aspectos conceituais da competição e estudos aplicados*. São Paulo: Phorte, 2013.

RODRIGUES, Solon Larré. O esporte e suas possibilidades em promover a educação para e pelo lazer nas escolas. *O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense*. Cadernos PDE, V. 1; Curitiba, 2008. Disponível em <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2008\\_unioeste\\_edfis\\_artigo\\_solon\\_larre\\_rodrigues.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2008_unioeste_edfis_artigo_solon_larre_rodrigues.pdf)>. Acesso em 28 de Agosto de 2015.

RODRIGUES, Francisco Neylon de Souza. *O sujeito que aprende no ensino superior: dimensões subjetivas dos graduandos em Psicologia*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Brasília, 2012.

SAMULSKI, Dietmar Martin; NOCE, Franco; A importância da atividade física para a saúde e qualidade de vida: um estudo entre professores, alunos e funcionários da UFMG. *Revista Brasileira Atividade Física & Saúde*. V. 5n n. 1, p. 5-21. Pelotas, 2000.

SANCHES, Simone Meyer; RUBIO, Katia. A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e a resiliência. *Educação e Pesquisa*. V. 37, n. 4, p. 825-842, São Paulo, 2011.

SCHLINDWEIN, Luciane Maria. *Arte e desenvolvimento estético na escola*. In: Cultura, escola e educação criadora: formação estética do ser humano. Angel Pino, Luciane Maria Schlindwein e Adair de Aguiar Neitzel (Organizadores). Ed. CRV:Curitiba, 2010.

SGUISSARDI, Valdemar. O desafio da Educação Superior no Brasil: Quais são as perspectivas? In: SGUISSARDI, Valdemar (org.). *Educação Superior: velhos e novos desafios* - Xamã, 2000.

SGUISSARDI, Valdemar; SILVA JR., João dos Reis. *Novas faces da Educação Superior no Brasil - Reforma do Estado e mudanças na produção*. 2ª Ed. rev. - São Paulo: Cortez, 2001.

SOBRINHO, José Dias. Universidade: processos de socialização e processos pedagógicos In: SOBRINHO, José Dias e BALZAN, Newton Cesar (orgs.). *Avaliação Institucional: teorias e experiência* – São Paulo: Cortez, 1995.

STAREPRAVO, Fernando Augusto; REIS, Leoncio José de Almeida; MEZZADRI, Fernando Marinho; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Esporte universitário brasileiro: Uma leitura a partir de suas relações com o Estado. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*. Campinas, v. 31, n. 3, p. 131-148, maio, 2010. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v31n3/v31n3a09>>. Acesso em 1º de Junho de 2016.

TUBINO, Manuel José Gomes. O esporte educacional como uma dimensão social do fenômeno esportivo no Brasil. *Revista de Educação Física e Desportos*. V.12, n.1; Rio de Janeiro, 1996.

TUNES, Elizabeth (Org.) *O fio tenso que une a psicologia à educação* – Brasília: UniCEUB, 2013 .

UNICEUB, Centro Universitário de Brasília. *Proposta Pedagógica UniCEUB* – Referencial norteador da formação de profissionais. Brasília, Janeiro; 2012.

UNICEUB, Centro Universitário de Brasília. *Núcleo de Esportes do UniCEUB*. [www.uniceub.br/esportes](http://www.uniceub.br/esportes). Brasília, 2014a. Acesso em 3 de Março de 2016.

UniCEUB, Centro Universitário de Brasília. *Política Institucional de Extensão e Integração Comunitária do UniCEUB*. [www.uniceub.br/media/520186/PoliticaExtensaoWEB.pdf](http://www.uniceub.br/media/520186/PoliticaExtensaoWEB.pdf). Brasília, 2014b. Acesso em 3 de Março de 2016.

UNICEUB, Centro Universitário de Brasília. *Núcleo de Esportes do UniCEUB* – Modalidades. [www.uniceub.br/comunidade/nucleo-de-esportes/modalidades.aspx](http://www.uniceub.br/comunidade/nucleo-de-esportes/modalidades.aspx). Brasília, 2016. Acesso em 1º de Maio de 2016.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *A prática pedagógica do professor de didática*. Campinas, SP: Papirus, 1989.

ZABALZA, Miguel A. *O ensino universitário: seu cenário e protagonistas*; trad. Ernani Rosa. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.

ZILIO, Alduíno. O conteúdo educacional do esporte. *Movimento – Revista da Escola de Educação Física da UFRGS*. V. 1, n. 1; Porto Alegre, 1994.



## Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### **A PRÁTICA ESPORTIVA DOS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO DO UNICEUB: FORMAÇÃO E REPERCUSSÕES**

**Instituição dos(as) pesquisadores(as): Centro Universitário de Brasília -  
UniCEUB**

**Pesquisadores responsáveis: Dra. Ilma Passos Alencastro Veiga, Esp. Daniel  
Vasconcelos Veloso**

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

#### **Natureza e objetivos do estudo**

- O objetivo específico deste estudo é analisar a prática esportiva por estudantes de graduação como meio de alcance aos princípios institucionais do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB – e sua repercussão na formação do discente.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por ser aluno do UniCEUB, regularmente matriculado, que está no início, meio ou final do curso, de acordo com a duração deste, e participante assíduo de prática esportiva dentro da instituição.

#### **Procedimentos do estudo**

- Sua participação consiste em responder a uma entrevista.
- O procedimento é não-invasivo, sendo uma entrevista realizada pelo pesquisador.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A pesquisa será realizada no UniCEUB.

#### **Riscos e benefícios**

- Este estudo possui “baixo risco” que são inerentes do procedimento de entrevista.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Sua participação poderá ajudar no maior conhecimento sobre a prática esportiva como forma de educação individual e social.

#### **Participação, recusa e direito de se retirar do estudo**

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

**Confidencialidade**

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (fitas, entrevistas etc) ficará guardado sob a responsabilidade do Daniel Vasconcelos Veloso, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade. Os dados e instrumentos utilizados ficarão arquivados com o(a) pesquisador(a) responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail [cep.uniceub@uniceub.br](mailto:cep.uniceub@uniceub.br). Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, \_\_\_\_\_  
RG \_\_\_\_\_, após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Participante

**Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):**

Instituição: Daniel Vasconcelos Veloso

Endereço: SEPN 707/907 – Campus do UniCEUB

Complemento: Bloco 10 – Núcleo de Esportes

Bairro: Asa Norte

Cidade: Brasília/DF

CEP: 70.709-075

Telefones p/contato: (61)3966-1482



**A PRÁTICA ESPORTIVA DOS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO  
DO UNICEUB: FORMAÇÃO E REPERCUSSÕES**

Daniel Vasconcelos Veloso

Brasília/DF  
Julho/2016